

**REFLEXÕES METODOLÓGICAS SOBRE OS ESTUDOS
CULTURAIS NO ÂMBITO DA GEOGRAFIA ESCOLAR:
RELATO DE EXPERIÊNCIA E PROPOSTA DE AÇÃO**

Liliane de Deus Barbosa¹
José Antônio Souza de Deus²

RESUMO

A Geografia, assim como outras matérias, tem encontrado dificuldades para se adequar às mudanças da sociedade globalizada. Esse artigo introduz uma discussão sobre a relevância e a necessidade da adequação das aulas aos novos paradigmas do ensino e mais especificamente, às transformações no âmbito da Geografia Escolar. Posteriormente, apresenta a cultura como um conteúdo da Geografia e compartilha uma experiência prática de ensino de Geografia relacionada à problematização sobre duas categorias conceituais de análise centrais: Região e Cultura, aplicada em uma escola estadual na cidade Sete Lagoas, em Minas Gerais. O objetivo principal é discutir os fatores que levam ao fracasso escolar na abordagem de tais conceitos no momento histórico atual e apresentar um exemplo de proposta de sequência didática aplicada e bem sucedida que poderia se contrapor a essa realidade.

Palavras-Chave: Cultura; Geografia; Região

Abstract

Geography, as well as other subjects, has found it difficult to adapt to changes in globalized society. This article introduces a discussion about the relevance and necessity of the adaptation of the classes to the new teaching paradigms and, more specifically, the transformations within the scope of the School Geography. Subsequently, it presents culture as a content of Geography and shares a practical experience of teaching Geography related to the problematization of two conceptual categories of central analysis: Region and Culture, which are applied in a state school in the city of Sete Lagoas, in Minas Gerais. The main objective is to discuss the factors that lead to school failure in approaching such concepts in the current historical moment and to present an example of a proposed applied and successful didactic sequence that could counteract this reality.

Keywords: Culture; Geography; Region

¹Doutoranda em Geografia- Instituto de Geociências- IGC/ UFMG.

²Professor Adjunto IV- Instituto de Geociências- IGC/ UFMG.

E-mail<c.alburquerque@bol.com.br>.



INTRODUÇÃO

Lecionar os conteúdos específicos dentro das áreas de conhecimento, como a Geografia, abordando os conceitos teóricos de maneira prática e atrativa é um dos maiores desafios que os professores enfrentam, atualmente, em sala de aula. Com o advento da *Internet*, telecomunicações e dos processos globalizantes dos tempos atuais, a instituição escolar e suas disciplinas apresentam dificuldades em se adequar às novas demandas da sociedade moderna do século XXI, permanecendo com estratégias de ensino que se resumem e se restringem cotidianamente ao tradicional uso do quadro e giz.

E vale ressaltar que na contemporaneidade, há uma busca por novos paradigmas de conhecimento que sejam compatíveis com a modernização das sociedades e que dêem conta da tarefa de compreender a complexidade desse mundo e as possibilidades de nele intervir. Cavalcanti (2007), a propósito, aponta a globalização como um aspecto relevante a ser considerado para a criação de novas didáticas, pois, ela permite a aproximação dos espaços e integração dos povos, bem como intensifica as inter-relações entre o local, o regional e o global.

Outra característica desse novo tempo é o multiculturalismo, fenômeno da intensificação da convivência entre povos de diferentes lugares e culturas do Globo, ocasionada pela rapidez da comunicação entre as pessoas do mundo inteiro, pelo maior deslocamento das pessoas e pela facilitação relativa ao seu ingresso e saída em (e de) diferentes regiões.

É relevante assinalar, nesse contexto, que mesmo diante da possibilidade da unificação das culturas no mundo, é perceptível que cada sociedade possui suas próprias tradições e essas não apresentam os mesmos atributos, paradigmas e significados. E em consequência disso, as culturas locais foram objeto de maior atenção, sendo valorizadas pelos estudiosos, mesmo após a globalização, pois elas vêm, contraditoriamente, reafirmando-se e produzindo uma identidade própria em virtude de sua resistência.

E essa realidade se reflete em sala de aula, pois no ambiente escolar, podem ser encontrados diferentes traços culturais vinculados à realidade familiar dos alunos e da comunidade do entorno da escola. É sugestivo observar, contudo, que como Zabala *et al.* (2010) apontam, mesmo diante da diversidade de origens, identidades culturais e história de vida dos alunos, o processo de ensino/aprendizagem continua sendo homogeneizado. Utilizam-se ritmos, estratégias e propostas educativas generalizadas, independente da origem social, da idade, das experiências vivenciadas.



Cria-se assim um descompasso entre a instituição escolar e os sujeitos de aprendizagem que tem como consequência principal o fracasso escolar. Como pontua Cavalcanti (2007), alguns das principais entraves nesse contexto estão relacionadas ao distanciamento entre a escola e a realidade do aluno, a falta de planejamento das aulas, a indisciplina, a dificuldade dos alunos em compreender o conteúdo das matérias, entre outros. Diante do exposto, é possível compreender que as causas do insucesso são múltiplas, porém, todas elas se interrelacionam e refletem na forma como são conduzidas as aulas e nos métodos utilizados pelos professores na sala de aula.

Outra explicação para esse fracasso está pautada na metodologia de avaliação das escolas brasileiras, que está centrada nos resultados da aprendizagem, no qual o quantitativo é maximizado e o qualitativo; desvalorizado. O aluno tem como objetivo anual, alcançar os resultados nas provas e notas suficientes para atingir o mínimo necessário para avançar a série ao final do ano, sem que haja uma preocupação maior com a qualidade do ensino que ele recebeu. O conhecimento tornou-se algo materializado nos livros didáticos e criou-se a rotina de valorização da quantificação de resultados, no qual a obtenção de “pontos” distribuídos ao longo do ano escolar, pelo aluno, são a meta principal. Nesse sistema, há uma clara desvalorização da aprendizagem, que se tornou um processo secundário. E foi em busca de solucionar tais problemas, que foram reformuladas as políticas educacionais nos níveis nacional e estadual.

As adequações nas leis de ensino, tais como na LDB (Lei de Diretrizes e Bases), ou nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) apresentam uma nova didática, no qual é preciso considerar o aluno como um agente atuante dentro do processo de ensino-aprendizagem. Para Zabala *et al.* (2010) essas mudanças procuram resgatar o papel sociocultural da escola e buscam a valorização do aluno como cidadão que vivenciou um conjunto de experiências sociais em diferentes espaços, os quais para serem compreendidos, precisam ser visualizados como componentes da "experiência vivida".

Cumprir observar que a definição e regulamentação de novas diretrizes escolares é o primeiro passo para uma mudança na educação. Porém, para que transformações efetivamente ocorram é preciso que essas tais diretrizes sejam colocadas em prática nas escolas pelos professores. E para que essas mudanças sejam realizadas, é preciso alterar a forma e o conteúdo das aulas, modificando-se as estratégias metodológicas adotadas dentro de cada área da ciência e buscando-se oferecer aos alunos, aulas mais dinâmicas e atrativas.



As mudanças na Geografia Escolar

Cavalcanti (2012) destaca que a educação do início do século XX já apresentava problemas metodológicos. A Geografia, como era então ensinada, não atraía os alunos, pois não havia uma coerência nos conteúdos ensinados; e, nesse contexto, o saber geográfico passou a não assumir muito significado para os alunos, sendo considerado acrítico e estático, configurando-se como uma disciplina na qual a memorização tornou-se o principal objetivo, orientando sua metodologia.

Conforme o PCN (2002), a Geografia não era atraente para os alunos porque se concentrava, classicamente, na descrição empírica das paisagens e na explicação política e econômica do mundo; mas deixava de lado a investigação das múltiplas interações estabelecidas na constituição dos lugares e territórios, bem como não destacava a importância das relações socioculturais da paisagem com os elementos físicos e biológicos que dela fazem parte.

Foi diante desse quadro de deficiência epistemológica, que a Geografia buscou renovar-se cientificamente. Cavalcanti (2007) destaca que em 1980, surgiu um movimento denominado “renovação da geografia”, que tinha como objetivo romper com a geografia dita “tradicional”, por meio de uma reformulação teórica da disciplina. As mudanças geradas por esse processo relacionaram-se à busca de uma nova forma de compreensão do espaço, de sua historicidade e da relação dialética com a sociedade, além da pluralidade, no discurso geográfico.

Porém, como assinala Cavalcanti (2012), a proposta de uma geografia mais plural só efetivamente ocorreu a partir de 1990, quando a disciplina passa a estruturar-se para ter um olhar mais integrador e aberto, considerando as contribuições de outras áreas da ciência e abrindo-se às diferentes especialidades dentro da própria área. A geografia plural considera as explicações do senso comum e enfatiza o papel dados pelas pessoas às suas próprias práticas espaciais, valorizando o meio em que vivem e as relações nele estabelecidas, ou seja, o *espaço vivido*.

De acordo com o PCN (2002) de Geografia, atualmente, há uma busca por explicações mais plurais, que promovam a intersecção das investigações e práticas geográficas com outros campos do saber, como a Antropologia, a Sociologia, a Biologia e as Ciências Políticas, por exemplo. No âmbito escolar, essa mudança traduziu-se em um novo método para raciocinar e interpretar a realidade e as relações espaciais, de modo que a Geografia se tornou bem mais do que uma disciplina que apresenta dados e informações sobre lugares, para que sejam memorizados. Essa ciência passou a considerar a espacialidade como uma dimensão da



realidade, e não a própria realidade, complexa e interdisciplinar, por si mesma. Uma importante transformação foi tornar o aluno, o centro e sujeito do processo de ensino, considerando que cada sujeito tem a sua história e a sua vivência que devem ser consideradas e valorizadas (CAVALCANTI, 2007).

Dessa forma, de acordo com o PCN (2002), a Geografia é uma área de conhecimento que possui o dever de tornar o mundo compreensível para os alunos, bem como explicável e entendido como susceptível a contínuas transformações. Assim, o ensino da ciência deve conduzir os alunos a compreender de forma mais ampla a realidade, possibilitando que nela interfiram de maneira mais consciente e propositiva. No entanto, para que isso ocorra, é preciso que o aluno adquira o conhecimento geográfico, com suas categorias, metodologias e conteúdo, para que ele possa fundamentalmente, compreender as relações socioculturais e o funcionamento dos lugares aos quais historicamente pertence e posteriormente conhecer e saber utilizar sua forma de pensar sobre a realidade.

Diante de tais fatos, podemos considerar que na Geografia do Ensino Fundamental, o aluno deve obter e compreender os conhecimentos básicos necessários para analisar o Espaço, como dominar as categorias geográficas e ter um olhar mais crítico sobre o meio. Já no Ensino Médio, ele deve aprofundar-se em tais questões de modo a problematizar e questionar sobre os espaços antropizados, ou seja, aqueles construídos e modificados pelo homem.

A Cultura como conteúdo da Geografia

De acordo com Claval (2014), a Cultura é um campo comum para o conjunto das ciências humanas. Cada disciplina aborda este vasto domínio do Conhecimento e da experiência humanas, segundo pontos de vista diferentes, adotando categorias conceituais de análise e paradigmas de interpretação próprios (DEUS 2005, 2010; DEUS & BARBOSA, 2009; DEUS, BARBOSA, TUBALDINI, 2012). O olhar geográfico, por exemplo, não dissocia os grupos dos territórios que tais coletividades organizam e onde elas vivem; a estrutura e a extensão dos espaços de intercomunicação, a maneira como os grupos vencem o obstáculo da distância (e, como, algumas vezes, o reforçam)- que são questões que estão no cerne da reflexão do Geógrafo.

Como registra Castrogiovanni (2009), a Cultura é, para a Geografia, mais do que um conteúdo interdisciplinar que necessita ser aprendido nas aulas; ela é um dado fundamental na compreensão dos lugares. Ela permite perceber os laços que os indivíduos estabelecem entre si, sobre a maneira como instituem a sociedade, como eles a organizam e como se identificam com o território no qual vivem ou no qual sonham. As maneiras como os grupos exploram os



espaços, como estabelecem as relações com o ambiente têm muito a ver com a sua Cultura. Conhecê-la, portanto, pode ser significativo para compreender o lugar, e entender por que as coisas acontecem do modo que estão acontecendo.

O conteúdo geográfico de diferenciação e caracterização de culturas e lugares apresenta diversas possibilidades metodológicas para que o aluno contextualize de forma prática a expressividade das culturas no mundo; e também, lhe permite o uso de diferentes escalas e olhares, que podem variar do regional ao local. Quanto ao regional, observa-se, por exemplo, as tradições que unem uma determinada população. E, considerando outro enfoque ou escala, reconhecer a cultura local significa, por sua vez, compreender a história do lugar, as origens de seus habitantes e os valores que pautam as relações da coletividade aí sediada/domiciliada.

Existem alguns conteúdos do tema cultural que podem ser ensinados pela Geografia. Porém, não seria possível ensinar todo este conteúdo em apenas uma aula, por isso, optou-se pela elaboração de uma sequência didática ou sequência de atividades de ensino/aprendizagem, tal qual a caracteriza Zabala *et al.* (2010, p.18), ou seja: como “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores quanto pelos alunos”.

Zabala *et al.* (2010) explicitam ainda que a ordenação articulada das atividades seria o elemento diferenciador das metodologias, e que o primeiro aspecto característico de um método seria o tipo de ordem em que se propõem as atividades. A sequência considera a importância das intenções educacionais na definição dos conteúdos de aprendizagem e o papel exercido aí pelas atividades que são propostas.

Também é importante que, dentro do planejamento das aulas, haja uma definição dos objetivos de forma clara e concreta, para que sejam alcançadas/ exercidas, com êxito, as habilidades e capacidades que devem ser desenvolvidas pelos alunos, propiciando que eles relacionem as atividades com a temática da disciplina.

Há que se levar em consideração ainda que é preciso se planejar a atuação docente de uma maneira flexível para permitir uma adaptação desse docente às necessidades dos alunos em todo o processo de ensino/ aprendizagem, bem como contar com as contribuições e os conhecimentos deles, tanto no início das atividades como durante sua realização. A metodologia de ensino deve ajudá-los a encontrar sentido no que estão fazendo para que conheçam e se interessem pelo tema.



Diante do exposto anteriormente, será apresentada a seguir uma proposta de sequência didática que foi aplicada com sucesso na Escola Estadual Sinhá Andrade, em Sete Lagoas/ Minas Gerais e a qual pode ser adaptada à realidade de cada escola e conteúdo.

Aplicação de uma sequência didática no ensino de Geografia com foco na temática cultural

Esse artigo traz como exemplo, a aplicação de uma sequência didática composta por quatro grupos de atividades, planejadas para serem realizadas em seis aulas de 50 minutos. O objetivo principal da sequência é tentar explicitar aspectos relevantes das culturas no Brasil e no mundo, por meio da sua diferenciação através das tradições de cada população, e a fim de, inclusive, promover, a valorização das características culturais ao relacioná-las a diferentes escalas e países, regiões e lugares específicos, decodificando-as, sistematizando-as e contextualizando-as histórica e territorialmente.

Propõe-se que os conteúdos: Região e Cultura sejam abordados na perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais (2002), como conteúdos concernentes aos anos de escolaridade do 7º ano do Ensino Fundamental e 2º ano do Ensino Médio. Ressalte-se que essas escolaridades trazem objetivos diferentes, pois, enquanto no Ensino Fundamental esses conceitos devem ser introduzidos no cotidiano do aluno; no Ensino Médio eles devem ser consolidados com o aprofundamento e desenvolvimento de uma concepção crítica sobre eles.

A proposta de tal sequência didática está direcionada ao Ensino Médio, mas poderia ser realizada/ implementada, em contornos gerais e com elementos mais simples, no Ensino Fundamental. A seguir é apresentado/ descrito um roteiro por aula:

- 1ª aula- Objetivo: Apresentar a definição de Cultura, realçar algumas características que a definem seus traços e/ ou referenciais tais como linguagem, religião, representações, etc.; compreender o nível de conhecimento que os alunos têm sobre o assunto.

Atividades propostas: O professor deve dividir o quadro em duas partes e na primeira parte deve escrever: O que é Cultura? E na segunda a palavra: Brasil. E deve orientar que cada aluno deva levantar-se e escrever uma ou mais palavras que demonstrem qual significado o conceito de cultura assumiria para ele. A partir das palavras mais comumente enunciadas pelos alunos como concernentes à Cultura, o professor deve realizar ligações/conexões/ articulações entre os múltiplos significados que elas podem



assumir; e a partir daí, construir o conceito de Cultura junto aos alunos. Posteriormente, o professor deve orientar aos alunos a pensarem sobre quais dos conceitos explicitados na segunda parte do quadro, poderiam se associar ou se acoplar a características culturais que temos no Brasil. A aula deve ser finalizada com o registro, pelos alunos, em seus cadernos, das palavras que definem Cultura, bem como os seus desdobramentos e manifestações.

Avaliação: Avaliar a participação, o empenho e a atenção dos alunos ao realizar as atividades.

- 2ª, 3ª e 4ª aulas- Objetivo: Explicitar os atributos culturais essenciais tais como linguagem, religião, representações, etc.; de outros países, para que os alunos adquiram conhecimento sobre culturas de outros locais.

Atividades propostas: o método utilizado segue um roteiro composto por quatro questões concernentes a atributos ou características centrais do universo cultural dos Estados Unidos, Itália, Índia e Indonésia, no qual os alunos devem, no formato discursivo, escrever sobre: a) alimentação b) linguagem c) medicina d) sociedade/relacionamentos e) religião; desses países a partir da observação, análise e interpretação do filme: “Comer, Rezar e Amar”. Lançado em 2010, o filme conta a história de Elizabeth (personagem interpretada por Julia Roberts), uma jornalista americana que por estar insatisfeita com diversos aspectos de sua vida, decide viajar para a Itália, Índia e Indonésia em busca de um encontro com si mesma. Ressalte-se que o filme é um interessante recurso didático visto que a personagem viaja por quatro continentes e vai para lugares que apresentam características culturais completamente diferentes do Brasil. Além disso, trata-se de um recurso didático diferenciado que atrai aos alunos.

Avaliação: Comportamento durante o filme (silêncio, atenção, etc.); observando-se que o roteiro pode ser qualitativa ou quantitativamente avaliado a critério do professor.

- 5ª aula- Objetivo: Revisar o conteúdo: regiões brasileiras, relacionando as regiões à Cultura.

Atividades propostas: Dividir o quadro em cinco partes, colocando como título de cada uma delas, o nome de cada uma das cinco regiões brasileiras, definidas pela divisão regional oficial atual do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/ IBGE: Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste. De maneira similar/ convergente ao que se propôs para a primeira aula, os alunos devem discriminar, escrevendo no quadro, as



características ou atributos culturais essenciais atribuídas por eles a cada uma das regiões. O professor deve deixar os alunos escreverem à vontade essas características e ao término das anotações dos alunos, deve ponderar se está faltando alguma característica relevante a ser registrada aí e se tem alguma que está “equivocada”. Em seguida, os alunos devem registrar no caderno as características de cada região. Após o registro, os alunos devem se dividir em cinco grupos, sendo sorteada uma das regiões para cada grupo. Eles devem ser instruídos para, na próxima aula, apresentarem cartazes com as características culturais essenciais da região estudada, bem como trazerem à sala de aula, alimentos tradicionais destes recortes regionais.

Proposta de avaliação: podem ser avaliadas a participação, o empenho e a atenção dos alunos ao realizar as atividades propostas.

- 6ª aula- Objetivo: Aprofundar e fixar os conteúdos sobre as regiões brasileiras e Cultura.

Atividades propostas: A classe deve ser preparada para que cada grupo fique localizado em uma parte da sala em forma de “roda” e sugere-se que os alunos apresentem aos colegas o seu trabalho e também recebam a visitação de outras turmas, professores e funcionários da escola como em uma “feira de ciências”. Os grupos devem apresentar e explicitar em seus cartazes atributos/ características culturais fundamentais de determinada região e trazer, à sala, alimentos tradicionais deste recorte regional. Ao final da aula, os alunos podem partilhar estes dos alimentos.

Avaliação: a apresentação das informações e a qualidade dos cartazes (em termos de sua elaboração) são itens que podem ser avaliados a critério do professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, as escolas enfrentam o desafio de reformularem seus conteúdos e os adequarem às aulas para que se tornem mais atraentes para os alunos. As discussões sobre as causas da queda da qualidade do ensino/aprendizagem já estão bastante difundidas; porém, para que ocorra uma efetiva melhoria da qualidade de ensino, é preciso mais do que se discutir sobre as causas desse fracasso; deve-se propor metodologias que consigam superar essas dificuldades.

Com a globalização e a quantidade de informações disponibilizadas por meio das telecomunicações, os alunos atuais possuem uma bagagem sobre todo e qualquer assunto que será ensinado em sala de aula, e essa vivência deles deve ser reconhecida e pode incrementar



sua aprendizagem. Um caminho promissor para estimular os alunos nos estudos é, aliás, a sua valorização como sujeito participante de todo o processo de aprendizagem, para que o conhecimento seja construído aos poucos com a mediação do professor.

Outra questão importante a ser demarcada refere-se à necessidade de se revalidar a importância de uma avaliação mais qualitativa dos conteúdos- e também mais processual e contínua-, e em que a participação/ protagonismo do aluno sejam reconhecidos e valorizados e no qual o quantitativo deva servir mais como um parâmetro geral de referência.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio: ciências humanas e suas tecnologias.** Brasília/ DF: MEC, SEMTEC, 2002. 104 p.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano.** Porto Alegre: Mediação, 2009. 172 p.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** 10. ed. Campinas: Papyrus, 2007. 192 p. (Coleção magistério: formação e trabalho pedagógico).

O ensino de Geografia na escola. Campinas, SP: Papyrus, 2012. 208 p. (Magistério: formação e trabalho pedagógico).

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural.** 4. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2014. 455 p.

DEUS, José Antônio Souza. **Geografia Cultural do Brasil/ Etnogeografia.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, 135 p.

_____. Linhas Interpretativas e Debates Atuais no Âmbito da Geografia Cultural, Universal e Brasileira. **Caderno de Geografia,** Belo Horizonte, v. 15, n. 23, p. 45-59, 2005.

DEUS, José Antônio Souza; BARBOSA, Liliane de Deus. A Geografia Cultural Contemporânea e os Focos de Tensão no Mundo: Uma Contribuição ao Debate. **Ateliê Geográfico,** Goiânia, v. 3, n. 7, p. 63-91, set. 2009.

DEUS, José Antônio Souza; BARBOSA, Liliane de Deus; TUBALDINI, Maria Aparecida dos Santos. O Papel das Geociências no Contexto “Pós-Moderno” de Revalorização da Cultura. In; HENRIQUES, M. H., ANDRADE, A. I., QUINTA-FERREIRA, M., LOPES, F. C., BARATA, M. T., PENA DOS REIS, R. & MACHADO, A. **Para Aprender Com a Terra - Memórias & Notícias de Geociências no Espaço Lusófono (Cap. 41).** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012, p. 393-402.

ZABALA, Antoni. *et al.* **Como aprender e ensinar competências.** Porto Alegre: Artmed, 2010. 197 p.



Artigo recebido em: 10/11/2018.

Artigo aceito em: 22/11/2018.

